A FORMAÇÃO DOS DOCENTES DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

HORA, da Célia Pereira[1]

Professora Orientadora: Ms. Aline Aparecida Perce Eugenio[2]

RESUMO

O presente trabalho discute quais os saberes da docência na sociedade contemporânea. Considera-se aqui, que, o importante na fase atual da educação brasileira não é a denúncia de seus maus resultados, mas o delineamento de soluções possíveis e necessárias, na qual docentes favoreçam o desenvolvimento de novas autorias de pensamento. Mais do que ensinar conteúdos de conhecimento, ser ensinante implica abrir espaços para que a aprendizagem aconteça. O aprendente precisa de adultos como pais e professores, que acreditem em seu potencial, e lhe proporcionem autonomia e autoria. Não é de hoje que o ensino escolar constitui a forma dominante de socialização e de formação nas sociedades modernas. O trabalho docente tem papel central na política, na cultural e grande importância na economia. Neste sentido, é extremamente relevante uma boa formação docente, na qual os saberes sejam expandidos. Considera-se que a psicopedagogia pode atuar de maneira preventiva a problemas de ordem de ensinagem/ aprendizagem, bem como ressignificando os percursos neste processo.

[1] Graduada em Psicologia pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (UniFMU), celiahora@ig.com.br. Artigo apresentado como exigência parcial para obtenção do título de especialista em Psicopedagogia; concluído em set/2016. Universidade de Santo Amaro (UNISA).

[2] Mestre em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); coordenadora do curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional na Universidade de Santo Amaro (UNISA). apeugenio@unisa.br

PALAVRAS CHAVE: saberes, docência, formação

ABSTRACT

This paper discusses what the teaching knowledge in contemporary society. It is considered here that the most important in the current phase of Brazilian education is not the complaint of their poor results, but the design of possible and necessary solutions in which teachers encourage the development of new authorship of thought. More than teaching content, teaching implies to open spaces for learning take place. The learner needs adults as parents and teachers, who believe in their potential and provide them autonomy and authorship. It is not today that the school education is the dominant form of socialization and training in modern societies. Teaching work plays a central role in politics and cultural importance in the economy. In this sense, a good teacher education is extremely important, in which knowledge is expanded. It is considered that the educational psychology can act preventively on the problems of teaching and learning as well as giving new meaning to the steps in this process.

KEYWORDS: knowledge, teaching, training

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intuito discutir quais os saberes da docência na sociedade contemporânea, pois após conversas junto aos pares, observou-se que são comuns as queixas relacionadas à dificuldade em ensinar na atualidade.

Diversas questões são apontadas pela classe docente como problemas educacionais, dentre elas: desvalorização profissional e principalmente um vínculo enfraquecido com o conhecimento por parte dos estudantes e suas famílias. No entanto, se faz necessário pensar o que é possível fazer para evitar o adoecimento e o caos diante do cenário que está posto.

Embora os desafios da educação contemporânea sejam amplos, há necessidade de refletir sobre a formação docente do ciclo de alfabetização, pois se percebe uma tendência atual em investigar o orgânico, a fim de localizar no corpo possíveis patologias, que possam justificar as dificuldades do processo de escolarização. Desta maneira, o sujeito desaparece e passa a ser tratado meramente como um quadro clínico.

Atualmente, corre-se cada vez mais atrás de laudos médicos, e encaminhamentos, em detrimento de medidas para aplacar o problema.

Diante destas mudanças ocorridas no âmbito educacional, às escolas precisam romper com o modelo enraizado, que acredita no adulto como detentor do saber, um ser completo e aluno como receptáculo, onde há falta, devendo estar adequadamente preparado para receber.

Considera-se assim, que, o importante na fase atual da educação brasileira não é mais a denúncia de seus maus resultados, mas o delineamento de soluções possíveis e necessárias, na qual docentes trabalhem em prol do ser humano, propondo o desenvolvimento de novas autorias de pensamento.

Infelizmente, como afirma Gatti (2009), as interferências sucessivas de diferentes fontes legislativas sobre o currículo da educação básica cooperam para a desarticulação de um projeto pedagógico mais consistente.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) como ponto de partida, no ano de 2009, convidou duas especialistas em educação, as pesquisadoras Bernardete Gatti, que coordenou o trabalho, e Elba de Sá Barreto, ambas da Fundação Carlos Chagas, para que por meio de uma análise segura das principais variáveis como: a formação inicial e continuada, condições de trabalho para um ensino de qualidade, remuneração, organização e política docente, acesso, carreira e promoção, avaliação, estabilidade, disciplina, saúde, direitos, deveres e material pedagógico de apoio, produzissem um documento de referência sobre a questão docente.

Como as próprias autoras afirmaram no capítulo final de reflexões e considerações de sua pesquisa realizada em 2009, não são poucos os desafios a superar. Entretanto, tais desafios se tornam mais que urgentes

porque, sem professores valorizados e continuamente qualificados, o direito a uma educação de qualidade para todos não será uma realidade na sociedade.

O aprender nada mais é que construir espaços de autoria, e cabe aos ensinantes favorecer a criatividade para que o sujeito se assuma autor.

Neste sentido, é extremamente relevante uma boa formação docente, na qual os saberes sejam efetivamente expandidos e compartilhados.

Afinal, qual a principal formação dos docentes do ciclo de alfabetização na sociedade contemporânea e seu impacto na educação?

Não há como discorrer sobre essa questão sem remeter-se aos saberes já constituídos, ou relatar a trajetória de formação docente ao longo da história e as contribuições que outras áreas de estudo, como a psicopedagogia podem agregar.

A psicopedagogia pode atuar de maneira preventiva a problemas de ordem de ensinagem/ aprendizagem, bem como ressignificando os percursos neste processo.

De acordo com Fernàndez (2001), toda aprendizagem inicia-se com a terceira pessoa, ‘ele me ensinou, ’ e termina na primeira pessoa, ‘eu aprendi’. Para a autora, entre o ensinar e o aprender abre-se um espaço de autoria, de diferença e de independência, ou seja, a criança não assimila o conteúdo ensinado da mesma forma que lhe é passado. Para que a aprendizagem ocorra é necessário à reestruturação do saber ensinado. Este processo transforma o sujeito epistêmico em sujeito de autoria.

Mais do que ensinar conteúdos de conhecimento, ser ensinante implica abrir espaços para que a aprendizagem aconteça. O aprendente precisa de adultos como pais e professores, que acreditem em seu potencial, e lhe proporcionem autonomia e autoria.

Sendo assim, voltamos a esbarrar na necessidade da formação de boa qualidade, pois só desta maneira profissionais podem permitir interferência em

crenças que muitas vezes já estão cristalizadas, submetendo-se a ampliar o campo de visão e rever conceitos que não podem ser estáticos.

Para apresentar esta discussão contaremos com uma revisão de literatura enriquecida por experiências pessoais.

1. SABERES DA DOCÊNCIA

Consultando o dicionário de língua portuguesa Houaiss (2001), o termo saber possui várias definições. Considera-se que “ter conhecimento de”, ou, “ter habilidade para”, mais se enquadram acerca do que se pretende tratar aqui.

Segundo Pimenta (2002), a educação é um processo de humanização que ocorre na sociedade com a finalidade de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório, pois se entende que a informação confere vantagens a quem a possui.

Quando os futuros docentes chegam aos cursos de formação inicial já possuem saberes sobre o que é ser professor. Estes saberes provêm de suas experiências enquanto alunos, que foram de diferentes professores em sua vida escolar, sendo capazes de reconhecer aqueles que contribuíram para sua formação humana. Por outro lado, estas significações também são constituídas por meio das mídias com seus estereótipos e ideias.

Em virtude disso, o maior desafio dos cursos de formação inicial de professores é o de colaborar no processo de mudança de visão dos alunos, que devem deixar de ver o professor enquanto aluno, para ver-se como professor. Isto é, construir a sua identidade profissional.

Para Pimenta (Id), podemos classificar os saberes da docência em três aspectos: experiência, conhecimento e saber pedagógico.

Os saberes da experiência são aqueles produzidos pelos professores no seu cotidiano docente, e que também ocorrem em toda relação humana, mas não bastam para o exercício docente.

De acordo com Morin (1993), o conhecimento não se reduz à informação, mas conhecer implica em trabalhar com as informações classificando-as, analisando- as e contextualizando-as, assim definir-se-ia os saberes pelo conhecimento.

A inteligência tem a ver com a arte de vincular conhecimento de maneira útil e pertinente. O conhecimento resulta da relação entre a ciência e os modos de produção da sociedade.

Comumente, os alunos da área de licenciatura esperam que a didática lhes forneça as técnicas a serem aplicadas em toda e qualquer situação para que o ensino dê certo, revelando que de certa maneira há um reconhecimento de que para saber ensinar não bastam experiências e os conhecimentos específicos, mas se fazem necessários os saberes pedagógicos e didáticos.

Os saberes pedagógicos só se constituem a partir da prática, que os confronta e os reinventa. Mas os práticos não os geram apenas com o saber da prática. As práticas pedagógicas se apresentam nas ciências da educação ricas em possibilidades para a constituição da teoria, mas os saberes sobre a educação e sobre a pedagogia não geram os saberes pedagógicos.

Infelizmente, na história da formação dos professores, esses saberes têm sido ensinados como blocos distintos e desarticulados, às vezes, um sobrepõe-se aos outros.

Em conformidade ao descrito por Morin (1993), houve época do predomínio dos saberes pedagógicos, em que se destacavam os temas do relacionamento professor aluno, da importância da motivação e do interesse dos alunos no processo de aprendizagem e das técnicas de ensinar. Em outros períodos, assumiu poder os saberes científicos, ganhando importância a didática das disciplinas, pois se entendia que o fundamental no ensino eram os saberes científicos.

Morin (Id), considera que o retorno autêntico à pedagogia ocorrerá se as ciências da educação deixarem de partir de diferentes saberes para reinventar os saberes, que não podem estar fragmentados.

Nóvoa (1992) propõe a formação docente numa perspectiva que denomina crítica reflexiva, que forneça aos docentes os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de formação. Considera três processos na formação docente: produzir a vida do professor (desenvolvimento pessoal), produzir a profissão docente (desenvolvimento profissional), produzir a escola (desenvolvimento organizacional).

De acordo com Saviani (1996), visando à preparação de docentes para as escolas primárias, as Escolas Normais do passado preconizavam uma formação específica, tendo como pressuposto guiar-se pelas coordenadas pedagógico-didáticas. No entanto, contrariamente a essa expectativa, predominou nelas a preocupação com o domínio dos conhecimentos a serem transmitidos nas escolas de primeiras letras. Ocasionou que o currículo dessas escolas era constituído pelas mesmas matérias ensinadas nas escolas de primeiras letras. Portanto, o que se pressupunha era que os docentes deveriam ter o domínio daqueles conteúdos que lhes caberia transmitir às crianças, desconsiderando-se a capacitação didático-pedagógica.

Atualmente, ao trocar informações com docentes do ciclo de alfabetização, é comum ouvir relatos de que quando começaram a trabalhar com turmas de primeiro ano, não se sentiam preparados para essa difícil tarefa. Apesar de terem estudado na graduação, por exemplo, as hipóteses de escrita, propostas por Emília Ferreiro, muitos não sabiam o que fazer com a informação quando se deparavam com os textos escritos pelas crianças, com suas hipóteses de escrita não alfabéticas. Não tinham claro quais atividades poderiam propor para que cada uma delas avançasse.

Muitos docentes ficaram frustrados por não conseguirem usar em sala de aula conhecimentos tão importantes para o trabalho com essa fase do desenvolvimento, chegando a afirmar, que a escola que encontraram para desempenhar seu trabalho não foi à apresentada durante a universidade.

Em concernência com Gatti (2009), a formação de docentes não pode ser pensada a partir das ciências e seus diversos campos disciplinares, como adendo destas áreas, mas a partir da função social própria da escolarização.

Deve ser ensinado às novas gerações o conhecimento acumulado pela cultura, consolidando valores e práticas coerentes com a vida.

Os cursos de Pedagogia, que deveriam garantir a competência de quem leciona na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental, muitas vezes, forma profissionais despreparados para planejar, ensinar e avaliar, como revela Saviani (2013). O resultado é o baixo rendimento dos estudantes e a frustração pessoal dos professores, que muitas vezes aparece em forma de sintomas, enquadrados como patologias, sendo compreendidos como saúde mental.

A universidade precisa se conscientizar de seu papel para que a Educação avance. Preparar um docente implica em valorizar como conteúdos de sua formação, seu trabalho crítico-reflexivo sobre as práticas que realiza e sobre suas experiências compartilhadas. Mas isto não significa ficar ao nível dos saberes individuais.

Para Nóvoa (1992), a formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de saberes: saberes de uma prática reflexiva, saberes de uma teoria especializada, saberes de uma militância pedagógica.

2. TRAJETÓRIA DA FORMAÇÃO DOCENTE

O trabalho docente tem papel central na política, na cultural e grande importância na economia. O ensino escolar constitui a forma dominante de socialização e de formação nas sociedades modernas, por esse motivo continua se expandindo.

Para Pimenta (2002), o ensino já variou muito de acordo com as práticas culturais e figurações socioeconômicas de cada período histórico. De acordo com diversos autores, como Nóvoa (Id), a função de ensinar é muito anterior ao processo de criação das primeiras instituições educadoras da História.

Antes mesmo que a escrita fosse desenvolvida, a oralidade, em conjunto com outros processos de comunicação, teve a função de repassar aquilo que era considerado importante.

Entende-se que o homem conseguiu produzir e difundir as mais variadas maneiras de se relacionar com o mundo que o cerca, instigado pela imitação ou pelo relato oral. A necessidade de pessoas específicas para o ensinamento de certas habilidades aconteceu no Antigo Egito, quando a função de escriba era preservada pela constituição de escolas reais que preparavam o indivíduo para dominar essa técnica. No Ocidente, as instituições de ensino variavam bastante de acordo com os valores que predominavam em cada cultura.

Segundo Nóvoa (1992), algumas pessoas têm do ensino a compreensão de uma atividade que se realiza com naturalidade, isto é, sem necessidade de qualquer formação específica. Este pensamento vem por conseqüência de uma história antiga, na qual devido à carência de profissionais, leigos tinham permissão do Estado para lecionar.

Pode-se concluir que a dificuldade da profissionalização docente residiu nas muitas fases e significados que a educação teve no Brasil ao longo da história. Por vezes, esta educação serviu para cultivar a doutrinação religiosa, outras vezes alimentou os interesses de ascensão da elite e depois foi massificada para atender os interesses do capitalismo; hoje atende interesses de uma economia globalizada.

Sendo assim, como nos revela Gatti (2009), houve degradação do estatuto do magistério, dos rendimentos e da autonomia destes profissionais. Toda esta realidade, reforçada por políticas públicas ineficientes, pois normalmente quem elabora o currículo não é quem o executa, distanciando cada vez mais o currículo das necessidades emergentes e contribuindo para inúmeros insucessos no percurso.

Ainda hoje, a qualificação dos profissionais da área de educação desperta a preocupação de nossas autoridades, que eventualmente apresentam propostas de formação continuada como cursos PROFA (Professores Alfabetizadores), TOF (Toda Força ao 1º ano), PNAIC (Pacto

Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), dentre outros, mas muitas vezes insuficientes, pois não alcançam a todos docentes.

A educação oficial no Brasil começou no ano 1827, com um decreto imperial de D. Pedro I, que determinava que todas as cidades, vilas e lugarejos tivessem suas escolas de primeiras letras.

O acesso à educação, porém, ainda era muito restrito na época do Império, apenas famílias ricas tinham condições de contratar professores para educar seus filhos. Os professores ou atuavam em escolas privadas ou vendiam o conhecimento de forma independente.

De acordo com dados da revista Nova Escola (2006), em 1982 surgiram os Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefams), criados pelo Governo Federal para aprofundar a formação de professores em nível Médio, com carga horária em período integral.

Em 1986 o Conselho Federal de Educação criou uma resolução que permitiu aos cursos de Pedagogia, além de formar os técnicos em Educação, oferecer habilitação para a docência de 1ª a 4ª série, antes limitada ao Magistério em nível Médio.

No ano de 1996, com a nova LDB, instituiu-se a exigência de nível superior para os professores da Educação Básica, redes públicas e privadas, além dos profissionais da Educação, tiveram o prazo de dez anos para se adaptarem à nova legislação.

O ano de 1997 marcou o início de uma disputa: de um lado, Institutos Superiores de Educação e Escolas Normais Superiores e, do outro, Faculdades de Pedagogia, resultado: professores de 1ª a 4ª série foram formados sem diretrizes claras.

Em 2003 o Conselho Nacional de Educação emitiu resolução e nota de esclarecimento confirmando a obrigatoriedade do diploma em nível superior para a docência na Educação Infantil e séries iniciais, o que já havia sido instituído na LDB de 1996.

Já no ano de 2006 foram publicadas as Diretrizes Nacionais para a Pedagogia. Essas Diretrizes Nacionais da Educação delegaram a este curso de licenciatura a formação de professores de 1º a 5º ano, Educação Infantil e Ensino Médio, na Modalidade Normal e EJA.

De acordo com Gatti (2009), a história da formação docente no país ajuda a entender a ênfase do curso de Pedagogia em fundamentos da Educação. Desde antes da República os professores primários eram colocados no mercado pelas Escolas Normais de nível médio e assim permaneceu após a criação do superior de Pedagogia, que tinha como foco preparar especialistas e pesquisadores em Educação. Todo este percurso sempre foi permeado por muitas discussões teóricas e poucas reflexões práticas.

Para a autora, a prática de sala de aula está em segundo plano no currículo, pois as faculdades de Pedagogia não discutem os problemas da escola, só os tangenciam. Há que levar em conta que muitos docentes universitários nunca lecionaram na Educação Básica, mesmo os poucos pós-graduandos que estudam práticas de ensino, não levam para a rede o que defendem na teoria.

Uma boa proposta é que, pela reflexão, se abram novos caminhos para pensar a prática docente, a fim de se evitar a simples reprodução do modo de ensinar. Se a ênfase da graduação não está na prática profissional, ao menos nos estágios obrigatórios, os futuros mestres poderiam se compreender inseridos no ambiente escolar.

De acordo com Gatti (2009), propostas consistentes de estágio ainda não estão presentes nos cursos de licenciatura, pois muitas vezes, percursos não ficam claros sobre como deve ser essa experiência fundamental para o futuro docente, o que gera profissionais inseguros e despreparados.

3. CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA AO ENSINO

Para Fernàndez (2001), toda aprendizagem inicia-se com a terceira pessoa, ele me ensinou, e termina na primeira pessoa, eu aprendi.

De acordo com a autora, entre o ensinar e o aprender abre-se um espaço de autoria, de diferença e de independência, ou seja, a criança não assimila o conteúdo ensinado da mesma forma que lhe é passado. Para que a aprendizagem ocorra é necessário à reestruturação do saber ensinado. Este processo transforma o sujeito epistêmico em sujeito de autoria.

Mais do que ensinar conteúdos formais, ser ensinante implica abrir espaços para que a aprendizagem aconteça. O aprendente precisa de adultos: pais e docentes que acreditem em seu potencial, que lhe proporcionem autonomia e autoria, prevenindo a manifestação de sintomas, que se manifesta também através de baixo rendimento.

Segundo Fernández (Ibid), a aprendizagem pressupõe pôr em jogo os temores que devem ser aceitos como próprios do encontro com a responsabilidade imposta pela autoria. O docente, em processo de formação, precisa aprender a ensinar sem a busca de receitas metodológicas que situam a sua ação. É necessário enfrentar o temor e arriscar-se no movimento de autoria, evitando entraves no processo de construção do conhecimento.

Para Gatti (2009), a ansiedade, insegurança, frustração, baixos salários, ausência de condições para o bom exercício da profissão, problemas relativos à formação, as más relações no trabalho, as múltiplas exigências extraclasse, exaustão pela demanda continuada das crianças e a indisciplina, são entraves no processo entre ensinante-aprendente no âmbito institucional.

Ao observar as dificuldades apontadas nas vivências dos papéis ensinantes- aprendentes, vemos o quanto é necessário olharmos esses sujeitos, e como o ser cognoscente e o ser desejante, se encontram intrinsecamente relacionados ao processo de produção, ou seja, na autoria de construção.

Entende-se que abrir mão de conhecimentos que vinham servindo-lhes na execução do fazer cotidiano, sem ter que se indagar sobre as questões teóricas que embasam essa prática, não coloca os docentes numa situação confortável.

De acordo com Gatti (1996), o docente é um ser em movimento, construindo valores, estruturando crenças, tendo atitudes, agindo em razão de um tipo de eixo pessoal que o distingue de outros. É um ser que se apresenta construindo sua identidade. Associados a identidade está a motivação, os

interesses, as expectativas, as atitudes, todos os elementos multideterminantes dos modos de ser de cada profissional.

O papel do docente está intimamente ligado a evitar situações de “fraturas” no processo de aprendizagem, onde há ausência de desejo pelo aprender. Este docente deve mediar o processo de empoderamento deste aluno, para que ele se assuma autor, pois estas “faltas” são causas de sintomas no aprendente, gerando a atual patologização das crianças em idade escolar.

Neste ponto entra a atuação da psicopedagogia, como recurso nos processos de autoria de pensamento. Ao considerar o processo psíquico fator importante, o ensinante pode perceber os percursos entre o ensino e a aprendizagem e tornar-se capaz de transformar-se num bom aprendente e consequentemente melhor ensinante.

Após levantamento por meio de pesquisas realizadas por Gatti (2009), afirma-se que docentes-alunos, apesar dos conflitos vivenciados, demonstram um desejo forte de superação, sejam por questões objetivas, como ser reconhecido profissionalmente, ou por questões subjetivas, como aprender e melhorar a prática.

Um olhar psicopedagógico sobre a formação de educadores possibilita uma visão dialógica entre conteúdos conscientes / inconscientes, individuais/ coletivos e a construção pedagógica. Faz-se necessário desfazer as amarras inconscientes, pois desatar um nó na rede de construção de significados reflete tantos outros nós que poderão desatar-se produzindo efeitos em outros contextos.

Torna-se evidente, que a psicopedagogia é uma área que pode subsidiar o papel de ensinante, pois os aspectos relacionados aos saberes docentes até aqui apontados evidenciam a importância de pensar no sujeito como autor e também, na construção subjetiva desse sujeito ensinante- aprendente. O que é essencial para a formação de sua identidade profissional, e empoderamento.

Sabe-se que este não é o único ponto a ser considerado nos cursos de formação, porém, este não se encontra contemplado em muitas propostas de formação que vem considerando o imperativo do mercado e as determinações legais que através de decretos impõem pacotes prontos de formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que a escolarização no Brasil foi durante séculos atributo das elites, sem a preocupação da construção de Políticas Públicas afirmativas, direcionadas à concepção de uma educação para todos.

Era muito pequena a oferta de escolas públicas no início do século XX, diante do crescimento populacional brasileiro. Tanto que, a grande discussão dos educadores críticos dos anos 1960 e 1970 foi a enorme massa populacional analfabeta ou semi-analfabeta, com poucas condições de efetiva participação na vida cidadã e no mundo do trabalho. Estudantes do ensino médio e superior representavam uma quantidade mínima da população brasileira.

Com a expansão industrial e do capital, os investimentos públicos no ensino fundamental começaram a crescer e a demanda por docentes também aumentou. O suprimento de docentes nas escolas caminhou por meio de várias adaptações: expansão das escolas normais em nível médio, cursos rápidos de formação docente, complementação de formações de origens diversas, autorizações especiais para exercício do magistério a não licenciados, admissão de professores leigos etc.

Podemos considerar que a formação de professores no país ainda sofre os impactos do crescimento efetivo, tão recente e rápido das redes públicas e privadas de ensino fundamental, além das improvisações que foram necessárias para que as escolas funcionassem.

De acordo com Gatti (2009), no Brasil, a importância dos professores no cômputo geral dos empregos formais não é menor do que nos países avançados. Considera-se que a docência tem papel central na política, na

cultura e na economia, o que torna necessário medidas para colocá-la à altura de sua responsabilidade pública para com os milhões de estudantes do país. Esta demanda não será suprida apenas por meio de cursos EAD (Educação à distância), ou políticas isoladas. O ideal seriam ações interligadas por uma finalidade comum, na direção da construção de um valor social profissional para causar um impacto relevante na formação de professores do país.

Para Fernandèz (2001), uma modalidade de ensino saudável gera uma modalidade de aprendizagem saudável, fator intimamente ligado aos saberes docentes, consolidados a partir de seus próprios processos de aprendizagem.

Em concernência com Fonseca (2014), o cérebro aprende por motivação e emoção. Portanto, não se constitui tarefa fácil colocar-se no papel de ensinante, este precisa favorecer a construção da autoria de pensamento, além de estar em harmonia com as diretrizes institucionais das quais faz parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, Nadia A. *A Psicopedagogia no Brasil*: Contribuições a partir da prática. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 2000.

CAMPELO, Maria Estela Costa H. *Alfabetizar crianças* – um ofício, múltiplos saberes. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

DICIONÁRIO de língua português: Houaiss, Editora Objetiva, Rio de Janeiro 2001, 1ª Ed.

FERNÁNDEZ, Alicia. *Os Idiomas do Aprendente*: Análise de modalidades

ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *O Saber em jogo*: A Psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed Editora. 2001.

_____. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1990.

FONSECA V. *Dificuldades de aprendizagem*: abordagem neuropsicopedagógica. 5ª ed. Lisboa: Âncora. 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessárias à prática educativa. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990

GATTI, B. A. *A identidade do pedagogo*. Educação e Compromisso, UFPI, Teresina, V 5, n12, 1993

_____. *Os professores e suas identidades*: o desvelamento da heterogeneidade. Cad. Pesq. São Paulo. Nº 98 p.85-90, 1996

GATTI, B. A., ESPOSITO, Y. L., SILVA, R. N. *Características de professores (as) de 1º grau no Brasil*: perfil e expectativas. Educação & Sociedade. Campinas: Cedes, v 15, n. 48, ago.1994

GATTI, B. A.; BARRETO. E. S. S. *Professores do Brasil*: impasses e desafios. Brasília, UNESCO, 2009, 294p.

MORIN, Edgar. *Toffler e Morin debatem sociedade pós-industrial*. World 'Media Suplemento do Jornal Folha de São Paulo, 12/12 1993.

NOVOA. António. *Para o estudo histórico social da gênese e desenvolvimento da profissão docente*. Teoria e Educação. Porto Alegre, v.4, p 109-39, 1991.

PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

PIMENTA, Selma Garrido. *Formação de Professores*: identidade e saberes da docência. Cortez, São Paulo, 2002.

SAVIANI, Demerval. *Os saberes implicados na formação do educador*. In: BICUDO, Maria Aparecida; SILVA JUNIOR, Celestino Alves (Orgs.). Formação

do educador: dever do Estado, tarefa da Universidade. São Paulo: Unesp, 1996.

_____. *História da formação docente no Brasil*: Três momentos decisivos. E Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia. Fundação Victor Civita (FVC) EM 20/11/2013